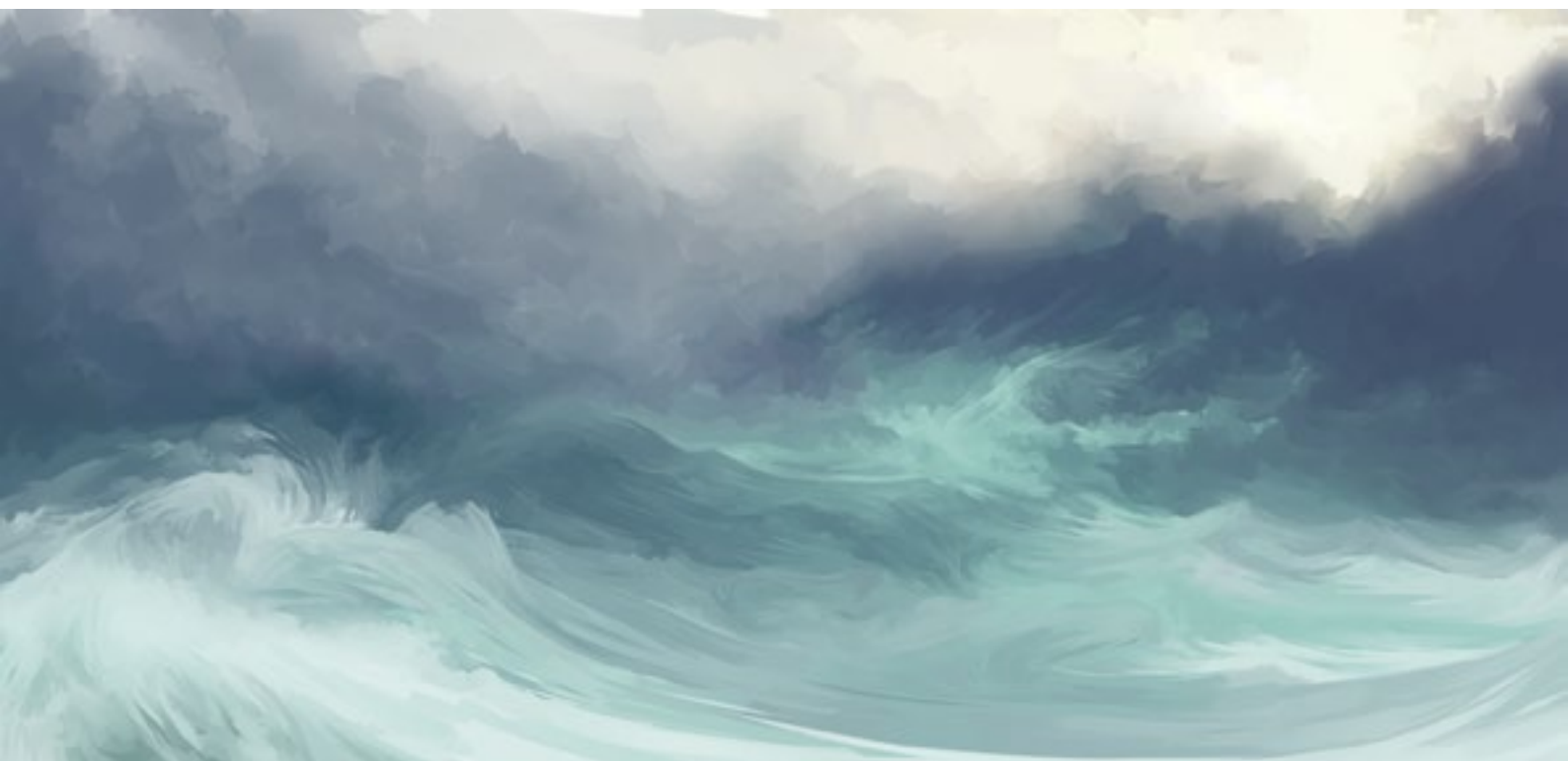


Diante das coisas que não têm nome



Diante das coisas que não têm nome – Luiz Henrique
Moreira Soares

Biografia do autor: Mestrando em Letras pelo Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL), da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (IBILCE/UNESP) - Campus de São José do Rio Preto. Possui textos publicados em diversas revistas literárias.

Resumo do texto: O que seria do amor se não fosse o silêncio?

Para a pequena e grande Maria

O que guardam os olhos de uma mãe?

Quando atravessou a porta de casa, minha mãe já era outra coisa. Era outra coisa porque carregava algo que eu não sabia bem o que era. Carregava esse algo novo nos braços, como peso de si mesma. E o seu atravessamento do mundo externo até adentrar o interior de nossa casa constitui-se de um todo performático e solitário. Quando ela chegou do hospital e atravessou a porta de casa, nossos olhares minúsculos e curiosos percorreram seu corpo em busca de respostas. Que repostas poderiam haver nos corpos das mães? Olhares fotográficos, limitados, fronteiros. E esse ser mãe é sempre um pouco de alguma coisa que a gente não conhece; porque mãe é coisa humana, também carne viva. Não havia resposta pronta, como nunca há pergunta pronta. Quando minha mãe atravessou a porta de casa, agarrada com esse algo novo nos braços, alguma coisa se abriu para mim: o céu. Nuvens negras, carregadas de água, alguma redenção.

Quando minha mãe atravessou a porta de casa, ela também me atravessou. Atravessou minha pele, carne e órgãos. Passou por mim como lâmina, serrando levemente as minhas certezas. Caminhou em direção ao quarto. Não disse palavra alguma. Continuei sentado ao lado da porta de entrada, na cena inicial, tentando buscar resposta àquilo que é difícil entender. E havia o céu negro. Quando minha mãe atravessou a porta de casa, pude ver o céu negro no fundo de sua imagem. A chuva não tardaria. Mães e céu, coisas difíceis de entender. Não tardaria também a nossa troca de palavras. É dessa forma que encaramos as coisas que não têm nome? No silêncio?

Meus olhos fotográficos perseguem minha mãe e vejo quando ela entra no quarto. Viro-me para fora de casa, no externo, no céu. À espera de algo que sempre nos desloca, a chuva: dentes, guerra, casas, morros, carvão, fúria, semente, tempo ruim, tempo quente. E por isso eu sabia que havia uma coisa diferente em minha mãe. A chuva parecia denunciar as mudanças. Porque havia uma delicadeza que tomava parte do meu corpo modelar, protótipo, estendido na cadeira. A minha espera sobre as respostas, sobre o que há nos olhos de minha mãe. Era essa delicadeza que me mostrava de onde eu vim, como um rompimento umbilical que me ligava à minha antiga condição, à minha mudança na ordem das palavras, dos meus gestos, dos meus sons e dos meus silêncios; à preparação do olfato para o encontro de novos perfumes e odores... Ou à percepção de que aquele algo novo que minha mãe carregava, na verdade, não era algo, mas alguém. Era uma pessoa. E uma pessoa sem nome. Uma pessoa sem nome que me atravessa com toda a sua força e que não me deixava levantar da cadeira. Meu corpo estava colado no móvel, não conseguia mexer sequer um músculo.

Então a água que sai dos meus olhos embaça minha visão. Lá fora, as nuvens carregadas desaguavam todo seu peso sobre a terra. Como um batizado. Um novo batizado. Choveu e eu senti o cheiro da agressividade da água tocando a terra, tocando meu corpo. Choveu em mim algo maior do que chuva, água, gozo ou alegria: toda a história da minha família em meus olhos, a história que se escreve agora. A história que foi e a que está começando agora. Já somos outra coisa, nada parecida com o que éramos ontem. Esse alguém novo que minha mãe trouxe nos braços, atravessando a porta de casa, é essa coisa que nos mutila, que nos divide em outras tantas coisas possíveis.

É por isso que, percebendo aquela nova pessoa, criada e inventada entre as paredes

transcendentais do útero de minha mãe, senti algo que todos chamariam, conscientemente, de amor. Um amor que também nasce sem nome, como essa menina sem nome que acabara de chegar do hospital, que atravessara a porta de casa, e que me colocara de frente com a sua existência.

Essa menina presente no mundo. E é o mundo quem sempre nos joga diante das coisas que não têm nome – aquela certeza de que estamos, também e constantemente, perdendo alguma coisa. Estou eu aqui, então, consciente da minha perda. Sei que a coragem do desprendimento me falta, sei que já não sou mais aquilo que minha mãe carregou um dia, e nem é mais provável que minha mãe me abrace com a mesma ternura e cuidado latentes, como em tempos atrás. Mas é este o trabalho do amor: encarar o desprendimento, perceber o crescimento da nossa escuridão e da nossa luz, aceitar o nosso fim – amor próprio. Quando eu estiver nos meus 50 anos, a menina sem nome estará vivendo o que eu sou agora, nos meus 25 anos. Sim, há milhares de outras coisas também sem nome por detrás do silêncio das mães, nos braços e nos olhos das mães. E também dentro da gente. E é isso que sai de mim, agora, sem nem mesmo conseguir me mover da cadeira, extasiado pela cena inicial.

Agora a chuva é branda. A chuva que também é sinal de que outras coisas vão brotar, de que outras coisas estão plantadas. Refiz o caminho de minha mãe e agora meus olhos estão na porta do quarto. Ela me olha. Seus olhos úmidos se encontram com os meus. E sorri com um sorriso que carrega o sangue de todos os anos. Vou me lembrar disso, do sorriso dela. Lembrarei do retrato emoldurado dessa minha lembrança, a lembrança do dia em que nos vimos tão parte um do outro, tão corpo, tão sangue, tão coisa sem nome. Mas, afinal, o que guardam os olhos de uma mãe? O que eles trazem, senão uma franca e silenciosa ideia de amor? Há tantas coisas que eu não saberia dizer...

Minha irmã vai crescer, cair do colo da mãe e brotar no mundo. Vai virar gente. Como uma metáfora do nascimento. Como uma aceitação de que o tempo nos corrói, sim. Mas esse tempo é também o que nos dá a chance de atravessarmos o corredor espinhoso da vida de mãos dadas. Pequena grande obra. A menina sem nome é mais alguém que me pega pelas mãos e que vai caminhar comigo até o meu ponto de chegada. Para ela, só uma vírgula. O amor como um conjunto desordenado de pontos e vírgulas...